

Economia apenas genérica

Uma medicina de qualidade e mais barata para a população ainda é muito mal aproveitada no Brasil

No País, os medicamentos genéricos estão fazendo cada vez mais sucesso. Surgiram em 1999, e não pararam de fazer crescer sua fatia de mercado. Em dezembro de 2000 eram 143 fármacos em 665 apresentações, hoje são quase 1.800 fármacos em mais de 10 mil apresentações. O genérico é o clone do medicamento referência – remédio original que possui a(s) mesma(s) substância(s) e a mesma forma de apresentação como cápsula, comprimido ou líquido.

A cultura do genérico é sempre atacada pelo argumento inconsistente de que ele seja de pior qualidade e que não possua controle na fabricação. Acontece que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) controla os dois tipos de medicamento e aplica um modelo de controle e fiscalização exemplar, de fazer inveja até para seus pares europeus e americanos. A Anvisa exige também que os genéricos sejam testados em humanos e que demonstrem que, quando ingeridos, a quantidade de remédio que vai para o sangue e os efeitos no organismo sejam os mesmos que os do medicamento de referência.

A economia do tratamento utilizando-se genéricos é de no mínimo 20% e chega a até 80%, em média a economia é de 50%. Nos EUA, país líder no uso de genéricos, a economia anual dos pacientes em apenas 14 das drogas genéricas mais utilizadas é de 26,4 bilhões de dólares ao ano.

O genérico possui o mesmo princípio ativo que a droga de referência, porque o Brasil passou a reconhecer as patentes internacionais de medicamentos. Essas patentes permitem ao laboratório que desenvolve a droga a exclusividade na comercialização por 20 anos no Brasil. Pelo mesmo tempo um laboratório vende o remédio sozinho e embolsa o dinheiro gasto nas pesquisas para descobri-lo, além de um bom lucro. Mas, depois desse tempo, a fórmula passa a ser utilizada por outros laboratórios sem o pagamento de direitos autorais, fazendo com que o preço caia mais da metade.



DESPERDÍCIO. O País deveria incentivar mais os genéricos

Todo os anos, dezenas de drogas têm sua patente vencida. Este ano, segundo o Express Scripts, um dos maiores gestores norte-americanos de planos de saúde para medicamentos, remédios que somam mais de 20 bilhões de dólares em vendas nos EUA poderão ser comercializados como genéricos, pois perderão as patentes ainda em 2006.

No Brasil, os grupos de medicamentos genéricos mais comuns são os antibióticos, os anti-inflamatórios e analgésicos, que juntos somam mais de 50% deles, mas a maior despesa em medicamentos pela população está nos que atuam no sistema nervoso e no sistema cardiovascular – que juntos somam 20% dos genéricos. A economia maior, portanto, ainda está por vir, apesar de esses dois grupos ocuparem primeiro e segundo lugar na desatualizada lista da Anvisa de medicamentos prioritários para se tornarem genéricos – a lista, disponível no site www.anvisa.org.br, é de 2003 –,

eles são estranhamente negligenciados pela indústria de genéricos brasileira.

Os genéricos no Brasil correspondem hoje a pouco mais de 13% do volume de medicamentos vendidos e a 10% do faturamento dessa indústria, atingindo a marca de 1,8 bilhão de reais. Façamos as contas: de junho de 2005 a maio de 2006 eles abocanharam mais 2% da fatia de mercado em volume (número de comprimidos) e, como o genérico custa em média 50% menos, aumentaram apenas 1% na fatia do dinheiro gasto em remédios no último ano. Isso significa que cada 1% de comprimidos genéricos vendidos equivale a 140 milhões de reais, e como o medicamento referência custa o dobro, gera-se uma economia anual de 140 milhões de reais com cada 1% que se vende de comprimidos genéricos em vez de comprimidos referência. Se a cada ano a taxa de participação dos genéricos subir

2%, no mínimo, e se chegarmos à marca de 40% de participação de genéricos no mercado de medicamentos – como é nos EUA –, isso ocorrerá até 2020 e, então, estaremos economizando 5,5 bilhões de reais anualmente com os genéricos.

Apesar de ser um crescimento estatístico fenomenal, é insatisfatório, pois significaria apenas um décimo do que os americanos economizam hoje com genéricos. Outro dado interessante é que lá 40% dos comprimidos vendidos são genéricos e equivalem a somente 7% do valor gasto com remédios. Conclui-se que aqui até o genérico custa caro.

No Brasil, onde mais de 50% das pessoas não pode se tratar por falta de dinheiro para comprar remédios, o uso dos genéricos deveria passar dos 50% o quanto antes. Só assim uma lei tão importante terá realmente valido a pena. ■

"Praticar a lei é exatamente o oposto de fazer sexo: mesmo quando é bem-feita, é ruim."

MORTIMER ZUCKERMAN
(ADVOGADO NORTE-AMERICANO)